

O marxismo ocidental: como nasceu, como morreu, como pode renascer

DOMENICO LOSURDO

São Paulo: Boitempo, 2018. 230p.

*Diego Pautasso** e *Tiago Soares Nogara***

O italiano Domenico Losurdo foi, sem dúvida, um dos maiores pensadores marxistas da virada do século XX para o XXI. Sua obra navegou em pelo menos quatro grandes eixos: a crítica ao liberalismo, a análise das dinâmicas contemporâneas do imperialismo, a reconstrução da trajetória de importantes filósofos e o balanço das experiências socialistas e de seus expoentes no século XX. No conjunto de seus escritos, buscou incessantemente questionar os postulados teóricos de muitos dos principais pensadores marxistas e de esquerda da contemporaneidade, especialmente os posicionamentos deles diante dos acontecimentos decorrentes das revoltas anticoloniais que rechearam o cenário internacional do século XX. Losurdo foi, simultaneamente, ortodoxo quanto aos aspectos teórico-metodológicos marxistas e heterodoxo quanto aos assuntos e críticas ao próprio campo.

Na obra aqui resenhada, o autor expõe, primeiramente, a origem da expressão “marxismo ocidental”. Sistematizada por Perry Anderson em *Considerações sobre o marxismo ocidental*, publicada em 1976, a expressão visava declarar seu total distanciamento e independência em relação ao que considerava uma caricatura

* Doutor em Ciência Política e Professor de Geografia do Colégio Militar de Porto Alegre. E-mail: dgpautasso@gmail.com

** Mestrando em Relações Internacionais da Universidade de Brasília. E-mail: tiagosnogara@gmail.com

de marxismo, proveniente da *ideologia oficial* dos países socialistas. A crítica se dirigia aos desdobramentos da Revolução de Outubro, à China Popular e à grande parte das trajetórias dos partidos comunistas orientais e do conjunto do Terceiro Mundo.

As ideias de Marx e Engels, embora surgidas no Ocidente e no seio dos países capitalistas mais desenvolvidos, deram origem à *práxis* antissistêmica. Foi Lenin, contudo, que deu centralidade às lutas anticoloniais e substituiu a palavra de ordem de “um Estado em extinção” para um “Estado em via de formação”. Foram a conquista e a manutenção do poder que proporcionaram o aprendizado de que as transformações revolucionárias não eram criações instantâneas e indolores, mas complexos processos marcados pela constante e difícil superação de obstáculos inerentes à construção do Estado socialista. Para Losurdo, aliás, se na periferia a questão nacional, pautada nos processos de independência e desenvolvimento, era o elemento mobilizador das revoluções, no Ocidente, ao contrário, era potencializado o apelo a um internacionalismo exaltado e abstrato, que se sobrepunha à questão colonial, numa espécie de chauvinismo eurocêntrico.

Para dar substância à sua tese, Losurdo reconstrói o pensamento de autores como Arendt, Foucault, Agamben, Bloch, Negri e Žižek, dentre outros, sem perder as nuances e transformações de cada um destes. O caso de Arendt é emblemático; se no início de *As origens do totalitarismo* ela reconhecia o papel da URSS na luta contra o imperialismo nazista e na promoção das lutas de libertação nacional, no final da mesma obra, Arendt passou a nivelar a URSS stalinista com a Alemanha hitlerista, enquanto impérios coloniais como França e Grã-Bretanha passaram a representar, na sua interpretação, o Ocidente democrático, alheio ao autoritarismo (p.128). Por caminhos diversos, o radicalismo de Foucault, que denunciava qualquer relação de poder, é o mesmo cuja atenção reservada à dominação colonial é escassa ou praticamente inexistente (p.142). Convergindo com Arendt, ao considerar igualmente existente um suposto “racismo de Estado” tanto no Terceiro Reich quanto na URSS, Foucault também silenciava diante de situações declaradamente racistas na África do Sul e em Israel. Žižek foi e é ainda mais explícito nessa inclinação, ao subtrair de suas análises categorias como Terceiro Mundo e imperialismo, mas paralelamente reforçar a narrativa do autoritarismo nas lutas anticoloniais da Venezuela chavista e/ou de países como Cuba, Vietnã e China, estes sob direção de partidos comunistas.

O texto de Losurdo chama a atenção, portanto, para a forma como o “marxismo ocidental” se apartou das lutas anticoloniais e das prioridades políticas que afetam tais países e populações. Ou seja, essas abordagens críticas, influenciadas por uma visão messiânica, colocaram sob suspeição e até reprovação o poder responsável por gerir e superar contradições decorrentes de experiências dos países subalternos, marcados pelo subdesenvolvimento e sob efeitos de recorrentes cercos militares, embargos econômicos e sanções uni e multilaterais. Além de pautada em uma visão eurocêntrica e idealista, para Losurdo, muitas das críticas desses autores

estariam também fundamentadas num “principismo” de recorte esquerdista, afim com um fraseologismo revolucionário incompatível com as análises concretas das relações de força, tendente ao nihilismo e derrotismo incapazes de forjar alterações nas estruturas de poder imperantes.

Desta forma, o autor explicita, com sabedoria, a existência de uma cisão elementar no campo do pensamento marxista. Se ao marxismo oriental, pautado pelas lutas anticoloniais, coube o exercício do poder repleto de contradições, que forçaram o desvencilhamento de expectativas messiânicas e o amadurecimento de uma estratégia para a construção de sociedades pós-capitalistas, ao marxismo ocidental restou a satisfação com a crítica às relações de poder, à “desconstrução” destas, sem maior preocupação com alternativas viáveis ao *realmente existente*, encarnando a boa alma distante do poder e a reivindicação da “autenticidade” de suas interpretações. A contradição entre as duas residiria, portanto, na escolha subjetiva priorizada pelo marxismo ocidental, contrastante com as situações objetivas que moldaram o marxismo relacionado às lutas anticoloniais da periferia. O autor indica o distanciamento das lutas anticoloniais como a certidão de óbito do marxismo ocidental, na medida em que ela implica em evidente eurocentrismo que rejeita as experiências socialistas no Oriente e na periferia do sistema capitalista. Para Losurdo, o ajuste de contas com o comportamento doutrinário constitui, portanto, o pressuposto para o renascimento do marxismo no Ocidente, centrado na pesquisa e no balanço histórico das experiências *realmente existentes*, e não no preguiçoso arbítrio da inocência, de visão messiânica e purista dos acontecimentos políticos contemporâneos.

Em suma, Losurdo retoma, como preocupação central, a valorização das experiências socialistas. Em *Fuga da História?*, o autor italiano afirma que muitos autoproclamados marxistas sucumbem à “autofobia” em vez de realizarem uma autocrítica. Ou seja, sob pretensão de fazerem uma crítica às experiências socialistas, reproduzem argumentos anticomunistas e reprisam propagandas da Guerra Fria – no limite, abstraindo os contextos históricos concretos que levaram às falhas e contradições. Ora, além de abrir mão de suas experiências como aprendizados e conquistas, o “marxismo ocidental” reproduz uma abordagem colonizada acerca da trajetória do capitalismo dos países centrais e, pior, dos desafios e dificuldades singulares dos países periféricos. Um balanço das experiências de governos das correntes de esquerda não comunistas deveria, para Losurdo, conduzir a resultados mais matizados. Isto é, se tais críticos estão à procura de suas primeiras experiências, deveriam reconhecer, ao menos, que a “esquerda democrática” – dos governos de inspiração socialista da Europa, de Mitterrand na França ao Syriza na Grécia, e mais recentemente da América Latina – segue léguas distante de representar o nível de ruptura sistêmica apresentado pela Revolução Russa e as demais experiências socialistas revolucionárias. Afinal, democratizar a riqueza e as instituições de Estado sem lidar com as contradições intrínsecas à ruptura política escapa às possibilidades históricas.

CONSULTE A BIBLIOTECA VIRTUAL DA *CRÍTICA MARXISTA*

<http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista>

CRÍTICA marxista

Análises feministas materialistas e imbricionistas

Jules Falquet

Benjamin leitor de Marx

Anita Schlesener

Crítica à leitura lukacsiana do jovem Marx

Armando Boito Jr.

Segunda servidão no Leste

Sergey D. Skazkine

Dossiê: Imperialismo brasileiro?

Virgínia Fontes, Tatiana Berringer,
Mathias Luce e Angelita Souza

36